

# PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA OBRA *A REPÚBLICA DOS BUGRES*, DO ESCRITOR RUY TAPIOCA

Hugo Moura Tavares\*

**RESUMO:** O artigo aponta algumas permanências e rupturas na obra *A República dos Bugres*, do escritor Ruy Tapioca, em relação ao padrão lukacsiano de romance histórico bem como estabelece algumas relações da mesma obra com a metaficção historiográfica.

Palavras-chave: A República dos Bugres, Ruy Tapioca, ficção histórica

O objetivo deste trabalho é apontar algumas permanências e rupturas na obra *A República dos Bugres*, do escritor Ruy Tapioca, em relação ao padrão lukacsiano de romance histórico.

Não se pretende esgotar o assunto e muito menos chegar a conclusões definitivas. O exercício justifica-se como amadurecimento da compreensão de um gênero que foge a conceituações rígidas. Como diz Márquez Rodríguez,

El hecho literário al que en esta oportunidad nos referimos há tenido por anos ese nombre, novela histórica, y aunque lo que hoy llamamos así, de manera convencional, haya cambiado mucho a través dos años, la denominación siguesiendo, a nuestro juicio, válida como tal, sobre todo porque dentro de esos cambios profundos lo que entendemos por novela histórica há conservado algunas constantes, que permiten reconocer hoy como tales, produtos literários que algo tienen em común com sus más remotos antecedentes, aunque talvez sea mucho mayor lo que tienen de destino.<sup>1</sup>

Será então, nesse sentido que propomos o presente exercício procurando destacar numa obra de ficção histórica contemporânea alguns elementos comuns ao gênero.

A obra do pensador húngaro, *O Romance Histórico*, escrita de 1936 a 1937, tornou-se um clássico na caracterização do gênero. Escrita em quatro grandes capítulos, trata no primeiro da forma clássica do gênero, representada, sobretudo, por seu fundador Walter Scott

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná

<sup>1</sup> MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, p.21.

(1771-1832). O segundo capítulo examina o romance histórico em oposição ao drama histórico, cujos expoentes remontam à literatura alemã da passagem do século XVIII para o XIX, como Johann Wolfgang Goethe e Friedrich Schiller. O terceiro capítulo dá conta da segunda metade do século XIX, quando o Naturalismo domina a cena literária e o romance histórico cai para um segundo plano sobrevivendo, principalmente, entre os escritores alemães. No último capítulo, aborda os ficcionistas do século XX, contemporâneos à escrita da obra, como Thomas Mann, Alfred Döblin e o autor francês Romain Rolland. Lukács analisa igualmente autores como o norte-americano James Fenimore Cooper (1789-1851), o italiano Alessandro Manzoni (1785-1873) com o romance *Os Noivos*, o russo Tolstói e Honoré de Balzac (1799-1850) visto como um ficcionista que elabora o presente como história<sup>2</sup>. Todavia é em Tolstói e sua obra *Guerra e Paz* que encontra o ápice, o ponto alto de toda história do romance histórico, pois : “Guerra e Paz é a moderna epopéia da vida popular, e de um modo ainda mais decisivo que em Scott ou Manzoni. A descrição da vida do povo e ainda mais ampla, colorida e rica em figuras humanas. É mais consciente a ênfase na vida popular como o verdadeiro fundamento do processo histórico”<sup>3</sup>.

Um dos aspectos destacado por Lukács é o da fidelidade histórica, fundamental para a qualidade da obra final. Conforme esse autor, Walter Scott “*jamais moderniza a psicologia de suas personagens*”<sup>4</sup> (grifo do autor), e esse é seu mérito, dando a entender que compete ao romancista que optou pelo gênero histórico debruçar-se sobre a época representada, selecionar as figuras que o expressam mais completamente e, a partir daí, elaborar a trama. Segundo a sinopse do livro, a obra em análise atenderia e essa exigência:

A partir de uma ampla pesquisa bibliográfica e de linguagem, Ruy Tapioca construiu uma estória picaresca, muitas vezes hilariante, que se encaixa como crítica social ao Brasil de ontem e hoje. Foram nada menos de dois anos de pesquisa em 58 livros de história e em dicionários de iorubá ou português medieval, pinçando expressões de época, palavras e até palavrões. Depois, o autor passou mais um ano e meio lapidando o texto que, no resultado final, parece ter saltado das crônicas da época. Assim, personagens reais, como Dom Pedro II, o líder negro Dom Obá (enredo da Mangueira no próximo carnaval), Machado de Assis e o padre Luiz Gonçalves dos Santos, mais conhecido como Padre Perereca, se somam a outros absolutamente fictícios.

A engenhosa trama é contada por dois enjeitados: Quincas, filho bastardo de Dom João VI, e Jacinto Venâncio, ex-escravo que vira padre. Misturados, a ponto de ser difícil dizer quem é quem, desfilam por um Rio de Janeiro reconstituído em seus mínimos detalhes. "O segredo do romance histórico é transformar os personagens reais em ficção e os da ficção em realidade", acredita Ruy.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup>LUKÁCS, p. 95

<sup>3</sup>LUKÁCS, p.100

<sup>4</sup>LUKÁCS, p. 67

Outra característica destacada por Lukács é a do recorte temporal escolhido. Esse deve coincidir com um período de crise e mudança. Na obra de Ruy Tapioça a narrativa tem como balizas temporais o final do século XVIII, mais especificamente, maio de 1798, e o final do século XIX, mais precisamente 1º de março de 1890. O pano de fundo histórico abrange o processo mais geral da crise do sistema colonial português e seus reflexos na colônia brasileira. O texto faz referências, mesmo que em alguns momentos indiretas, à transferência da monarquia lusa para o Brasil em 1807, à criação do Reino Unido em 1815, ao primeiro reinado (1822-1831), à regência (1831-1840), ao segundo reinado (1840-1889), à crise do escravismo, à Guerra do Paraguai (11/11/1864 a 01/03/1870) e à Proclamação da República (15/11/ 1889). No que se refere ao período abordado, sob uma ótica lukacsiana, a obra retrata, sem nenhuma dúvida, um momento de crise e de mudanças profundas na história do país.

O romance histórico deve traduzir esse momento em situações domésticas, familiares e amorosas, isto é, seus personagens vivenciam, nas suas existências, mesmo quando deslocados dos grandes centros de poder, as consequências das alterações pelas quais passa o período histórico. Assim, não é preciso traduzir os grandes eventos, pois mesmo sucessos aparentemente insignificantes podem ser expressivos. Personagens triviais, sem grandes elevações espirituais ou gestos heroicos plasmam o modo de ser, pensar e atuar do momento histórico, refletindo as tendências da época.

O livro *A República dos Bugres* atende a esse quesito. Principalmente, se tomarmos o exemplo do protagonista, em suas várias fases: quando menino Quincas, depois seminarista Joaquim Manuel Menezes d' Oliveira, posteriormente Mestre-escola Quincas e, por fim, Comendador Menezes d'Oliveira. Também podemos citar os personagens Jacinto Venâncio e o velho bacharel Viegas de Azevedo. Três personagens que traduzem nos seus cotidianos as transformações pelas quais passa o país no período abordado pelo autor. Vejamos um trecho do terceiro plano narrativo, no qual o personagem padre Jacinto Venâncio relata o cotidiano da Guerra do Paraguai:

Fecho meu diário, escrito sob o clarão desta noite de lua cheia, porque lumes de candeias e fogueiras estão proibidos: o inimigo está à espreita. Os oficiais discutem, ao relento, estratégias e táticas de guerra para o combate da madrugada que se aproxima. Pretendem surpreender os paraguaios, que nos infligiram pesadas baixas em Tuiuti: em apenas cinco horas de luta cruenta, em terreno alagadiço, mais de dezessete mil jovens brasileiros, argentinos e uruguaios foram mortos.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Disponível em : <[http://www.rocco.com.br/shopping/ExibirLivro.asp?Livro\\_ID=85-325-1028-0](http://www.rocco.com.br/shopping/ExibirLivro.asp?Livro_ID=85-325-1028-0)> Acesso em junho de 2005.

<sup>6</sup>TAPIOCA, p. 159.

Ou, então, do segundo plano narrativo, o seguinte trecho:

- Façanha homérica, Caparelli. Homérica! – corrigiu Quincas, que era todo sorrisos e agradecimentos. Seus pensamentos, enquanto recebia os cumprimentos dos colegas, voltavam-se para os amigos, conselheiros e pessoas que o haviam encorajado e, de alguma forma, ajudado a levar a bom termo àquela jornada: D. Maria da Celestial Ajuda, agora em Lisboa, para quem tencionava escrever uma carta, ainda naquela noite, dando-lhe conta das boas notícias que acabara de receber; o velho bacharel Viegas de Azevedo, que tanto o incentivara nos estudos, e a quem entregara a administração do sobrado da rua das Violas, após a viagem de mãe de criação e do marido de volta a Portugal; frei Antônio de Arrábida, que o iniciara, ainda menino, nos estudos de latim, a bordo da nau que os trouxera para o Brasil, quase quatorze anos atrás; os alforriados Jacinto Venâncio e o pai, Anacleto; o bibliotecário Marrocos, que finalmente se casara com D. Ana Maria de S. Tiago Sousa, e que agora só vivia a falar bem do Brasil, e a desancar Portugal, razão pela qual passara a ser alvo de toda a sorte de chacotas e pilhérias do bacharel Viegas de Azevedo, que o elegera paradigma referencial da sua tese sobre a influência dos *Miasmas Pestíferos e Ventos Acanalhadores* sobre o caráter dos estrangeiros que emigravam para o Brasil, acanalhando-os; o próprio Príncipe Regente, embora o tenha preterido por outras amizades (em face das obrigações do celibato e da conduta decorosa a que estava Quincas obrigado, como seminarista); e, finalmente, o próprio Rei, agora distante, em Lisboa, que tanto o protegera, e que lhe mandara comunicar, recentemente, por meio de carta que enviara ao filho, haver cumprido a promessa que fizera a Quincas, cochichada ao pé de ouvido, em Queluz, no ano de 1806: perdoara ao físico doutor João Francisco d’ Oliveira, e revogara a terrível sentença a que o condenara, promovendo-o a Conselheiro do Rei. ‘*Truditur dies die*’.<sup>7</sup>

A fidelidade histórica, para Lukács, não deve, contudo, exemplificar os personagens históricos, mas traduzir os conflitos sociais convertidos em motivações internas, que se expressam no plano doméstico e imediato, seja o familiar, o local ou o sentimental. Esse rebaixamento, do plano geral das grandes transformações sociais e políticas para a cena íntima e caseira, garante o realismo da representação.

Um dos recursos utilizados por Ruy Tapioca e que, na minha proposta de leitura, garantiria em parte o realismo da representação é o da construção da fala das personagens. Essa construção traz em todo o texto e, principalmente, no primeiro e segundo planos narrativos<sup>8</sup>, as marcas da oralidade. A seleção dos vocábulos e a sintaxe utilizada permitem caracterizar dois núcleos de personagens que poderiam ser classificados como cultos e

<sup>7</sup> TAPIOCA. p. 421-2

<sup>8</sup>A obra está organizada em três planos narrativos. O primeiro, que abre o livro, tem como espaço o sobrado da Rua da Carioca e como narrador o Comendador Menezes d’ Oliveira. O segundo não tem um espaço delimitado com o foco narrativo deslocando-se constantemente entre Portugal, Brasil e a cidade do Rio de Janeiro. Apresenta dois narradores externos, um neutro e o outro irônico. Por fim, o terceiro plano se dá no espaço da Guerra do Paraguai e tem como narrador o Padre Jacinto Venâncio.

incultos ou, também, poderíamos utilizar as expressões letrados e iletrados. O grupo de nível cultural mais elevado, não adotando aqui o sentido antropológico de cultura, mas aquele que associa à expressão a posse de saber adquirido, tem na sonoridade lusitana das expressões, no léxico arcaico e, em vários momentos, chulo, sua marca. Mas, também, o que é visível no texto todo em relação a este grupo, são as frases latinas sempre traduzidas e indicando a classe social de quem as fala. Vejamos um trecho do segundo plano narrativo:

O velho Viegas de Azevedo levantou o dedo, abriu a boca, mas manteve-se calado, por instantes: resolvera, num átimo, abortar o comentário que intentara fazer: a longa experiência adquirida nos processos jurídicos em que aturara como causídico, no Tribunal da Relação e no Desembargo do Paço, aconselhara-o a não expor a negra Venância, fugida Deus sabe para onde, e cujo desaparecimento, ao que tudo indicava, poderia ter relação direta com os maus tratos, agressões sexuais e sodomias que o defunto Torresão lhe infligia, quase todos os dias, desde que tomara posse da chácara, conforme as queixas que a própria negra, aos prantos, diversas vezes fizera ao bacharel.

– Sim Bacharel? Ia comentar alguma coisa? – argüiu o padre, ávido por novas.

– Aquilo foi desavença entre fidalgos, padre, rixa entre quem freqüenta o poder. Preto não teria aquela ousadia, com esse código filipino aí em vigor...- tangenciou.

– E o conselheiro Fernandes Viana já tem suspeitos? – perguntou o padre.

– Desconheço. Fui convocado para prestar depoimento na Intendência Geral de Polícia, mas aleguei estar padecendo de crise de gota, e pedi para ser ouvido aqui em casa: o calabouço do Aljube causa-me arrepios! O Intendente Viana mandou avisar-me que virá aqui, amanhã, colher a minha declaração. Perda de tempo: não vi e não sei de nada – respondeu o bacharel.

– *Cui prodest scelus, is fecit*\* – ponderou o cônego.

– *Faber est quisque suae fortunae!*\*\* – replicou o bacharel.<sup>9</sup>

Porém, se na caracterização dos personagens acima citados, que poderíamos denominar “núcleo culto” da narrativa, a pesquisa linguística para parodiar a fala luso-brasileira da época realiza-se com sucesso, o mesmo não se dá no que se refere ao núcleo inculto ou iletrado. A tentativa do autor de privilegiar o ponto de vista dos excluídos, no caso dos negros escravos, ou forros, leva a uma presentificação da oralidade na grafia que trava a leitura e incomoda o leitor. Vejamos o seguinte trecho:

\* “Cometeu o crime aquele a quem ele trouxe benefícios” (Sêneca).

\*\* “Cada qual é obreiro da própria sorte” (Pseudo-Salústio).

<sup>9</sup> TAPIOCA, p. 206.

O negro Anacleto e o filho, Jacinto Venâncio, escravos e serviçais do palácio dos Vice-Reis, raspam e esfregam o piso caveirado da Sala da Tocha. Uma crosta endurecida de cera derretida grudou-se às tábuas do soalhado. Pendurado sob a abóbada da sala, balança enorme castiçal de ferro fundido, onde crepitaram, até o alvorecer do dia, lumes de grossíssimos círios que alumiarão a reunião do Conselho, sob a regência do Conde dos Arcos de Val de Vez, Dom Marcos de Noronha e Brito, Vice-Rei do Brasil.

– Fio, tuma cuidado módi num ranhá os taco da sala cum as pátula, sinão vai sobra chibatada pra nós – murmurou o escravo, voz abafada.

O negrinho Jacinto Venâncio, de quatro sobre o piso, arregalou os bugalhos e espirrou um terno de vezes.

– Valha-me São Benedito! – disse baixinho, e espirrou mais um par de vezes.

– Quíqui foi isso, fio? Porum acauso ranhou os taco? Perguntou Anacleto, aos susurros, morto de medo.

– Não, pai. É esse cheiro de merda que o vento trás do largo do Paço.

Anacleto fungou o ar, por duas vezes:

– Num sinto nada: to costumado. Passei temporão, cúmu trigue, cargando toné de cocô de branco nas cabeça, as hora dos ângelu, aos fina de todo santo dia, fio, mode dispejá nus mar, nas praia, mais das vez aí mermo di frênti du chafariz du Terrêro du Carmo. Têmpis bão quêle, fio, quadris de fartúris. Os nego, quele têmpis, inté cumia carne de bacurim nas janta, amisturada cum farinha, módi dá sustança nus lombo, pras lide dus eito...<sup>10</sup>

Cabe aqui uma comparação com o mesmo recurso utilizado pelo romance regionalista analisado por Antonio Candido, em um dos seus Textos de Intervenção, *A Literatura e a Formação do Homem*:

(...) o Regionalismo estabelece uma curiosa tensão entre tema e linguagem. O tema rústico puxa para os aspectos exóticos e pitorescos e, através deles, para uma linguagem inculta cheia de peculiaridades locais; mas a convenção normal da literatura, baseada no postulado da inteligibilidade, puxa para uma linguagem culta e mesmo acadêmica. O Regionalismo deve estabelecer uma relação adequada entre os dois aspectos, e por isso se torna um instrumento poderoso de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do país; mas pode ser também fator de artificialidade na língua e de alienação no plano do conhecimento do país. As duas coisas ocorrem nas diversas fases do Regionalismo brasileiro, e eventualmente em obras diferentes do mesmo autor. Tomemos como exemplo dois autores da mesma fase, que se conheceram e se estimaram: Coelho Neto (1864-1934) e Simões Lopes Neto (1865-1916).

Ambos escreveram num momento de grande voga da literatura regionalista, quando ela parecia mais autêntica do que outras modalidades, porque se ocupava de tipos humanos, paisagens e costumes considerados tipicamente brasileiros. No conjunto, foi uma tendência falsa, correspondeu a modalidades superficiais de nacionalismo, baseada numa distância insuperada entre o escritor e o seu personagem, que ficava reduzido ao nível da curiosidade e do pitoresco. Não obstante, alguns escritores conseguiram posição mais humanizadora. Os dois exemplos abaixo procuram sugerir as duas posições.

O regionalismo de Coelho Neto (cuja obra se desenvolveu na maior parte em outros rumos) mostra a dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos, nos momentos de discurso indireto; e

<sup>10</sup>TAPIOCA, p. 44-5

procuravam nos momentos de discurso direto reproduzir não apenas o vocabulário e a sintaxe, mas o próprio aspecto fônico da linguagem do homem rústico. Uma espécie de estilo esquizofrênico, puxando o texto para dois lados e mostrando em grau máximo o distanciamento em que se situava o homem da cidade, como se ele estivesse querendo marcar pela dualidade de discursos a diferença de natureza e de posição que o separava do objeto exótico que é o seu personagem.

O conto “Mandovi”, de seu livro *Sertão*, pode ser tomado como caso típico dessa concepção alienadora. (...) Na verdade o procedimento exemplificado com o texto de Coelho Neto é uma técnica ideológica inconsciente para aumentar a distância erudita do autor, que quer ficar com o requinte gramatical e acadêmico, e confinar o personagem rústico, por meio de um ridículo patuá pseudo-realista, no nível infra-humano dos objetos pitorescos, exóticos para o homem culto da cidade. Digo pseudo-realista, por que na verdade o que ocorre é uma dualidade de critérios. Com efeito, ao narrador ou personagens cultos, de classe superior, é reservada a integridade do discurso, que se traduz pela grafia convencional, indicadora da norma culta. Nos livros regionalistas, o homem de posição social mais elevada nunca tem sotaque, não apresenta peculiaridades de pronúncia, não deforma as palavras que, na sua boca, assumem o estado ideal de dicionário. Quando, ao contrário, marca o desvio da norma no homem rural pobre, o escritor dá ao nível fônico um aspecto quase teratológico, que contamina todo o discurso e situa o emissor como um ser à parte, um espetáculo pitoresco como as árvores e os bichos, feito para contemplação ou divertimento do homem culto que deste modo se sente confirmado na sua superioridade.

Em tais casos, o Regionalismo é uma falsa admissão do homem rural ao universo dos valores éticos e estéticos.

No entanto, o seu propósito consciente era o contrário. Ele se apresentou como um humanismo, como uma recuperação do homem posto à margem; e de fato pode ser assim quando a deliberação temática, isto é, a decisão de escolher e tratar como tema literário o homem rústico, é seguida de uma visão humana autêntica, que evite o tratamento alienante dos personagens. Esta visão se traduz pelo encontro de uma solução lingüística adequada; e dependendo dela é que o Regionalismo pode ter um sentido humanizador ou um sentido reificador. Dito de outro modo: pode funcionar como representação humanizada ou como representação desumanizada do homem das culturas rurais.<sup>11</sup>

Um último aspecto a considerar seria o da composição dos personagens e situações históricas. Para Lukács, os personagens históricos devem sustentar o pano de fundo histórico na trama mesmo estando em posição secundária. Pois, de acordo com o processo dialético que o pensador húngaro tem em mente, as figuras históricas não abalam o realismo porque se humanizam. Pelo contrário, ao serem integradas ao cotidiano da ação tem valorizado seu papel no fluxo dos acontecimentos históricos.

Em suma, existiriam dois grupos de personagens. De um lado o protagonista-tipo que personificaria um determinado meio ou classe social e cujas ações expressariam as mudanças históricas, fornecendo informações, dados, opiniões, enfim, legitimando o ambiente histórico. Este personagem deveria tornar concreto, pelas suas ações, os traços de uma sociedade inteira, de uma época inteira. Por outro lado, junto a esses protagonistas-tipo estariam os personagens

---

<sup>11</sup>CANDIDO, p.87-90.

históricos, figuras cuja existência é mencionada e comprovada pelos registros historiográficos. Sua função, em última instância, seria a de autenticar o mundo ficcional com sua presença ocultando assim as ligações entre a Ficção e a História.

Haveria, dessa forma, uma preservação do personagem histórico e um certo distanciamento do mesmo em relação aos personagens ficcionais. Nesse sentido a obra de Ruy Tapioca apresenta elementos de permanência e de ruptura caracterizando-se como ficção histórica contemporânea ou mesmo, na conceituação de Linda Hutcheon, como metaficção historiográfica (principalmente na estrutura romanesca através do seu foco narrativo e no estatuto da personagem).

Há uma valorização do processo criativo e narrativo em si mesmos, no qual as descrições realizadas e os mecanismos utilizados na construção narrativa tornam-se objeto de uma instigante e profunda problematização. O processo escritural desenvolvido é marcado pela metatextualidade presente no âmbito do discurso e na reinterpretação da realidade histórica que serve de objeto para a representação romanesca.

Em relação ao foco narrativo, o narrador, ou narradores, dependendo do plano escolhido, manifestam o domínio sobre o universo narrativo. A constante emissão de comentários valorativos, sarcásticos e irônicos; o tom proverbial e os inúmeros vaticínios antecipam ao leitor o que acontecerá na trama ficcional.

Isso ocorre ao mesmo tempo em que o tempo é fatiado de tal maneira que força o leitor a ficar atento aos comentários do narrador senão na primeira leitura, com certeza na segunda. A onisciência de cunho realista tradicional é superada. Os limites, atributos e funções tradicionalmente conferidos ao narrador pelo Realismo que originava um modo de narrar a história como se ela se contasse por si mesma, são abandonados por uma espécie de transcendência temporal e cultural, isto é, por uma visão da realidade que envolve o presente, o passado e o futuro. Não são raros os momentos em que o narrador manifesta-se como contemporâneo e até cúmplice do leitor, enfatizando esta perspectiva presente ao descrever e narrar a realidade histórica que serve de matéria para a construção do texto ficcional. O tom absoluto da onisciência narrativa é preterida em favor de uma visão relativa dos acontecimentos e das ações, que se aproxima da experiência perceptiva do próprio leitor acerca da realidade. É o que nos mostra, por exemplo, o seguinte trecho:

A criação e majoração dos citados tributos provocou oportunos e alentados reforços no real bolsinho de Dom João, e no tesouro do Estado, necessários para fazer face às imensas despesas com a Corte, há um ano chegada ao Rio de Janeiro, muito pouco afeita ao trabalho, sempre a andar numa fufice e arrotar a postas de

pescada. Os maganões, prenhes de pesporrências, recebem, e brigam por mais receber, tenças, aposentadorias, espórtulas, lotarias, propinas, lambujens, pensões, gorjetas, estipêndios e remunerações gerais, ora saídos das bolsas Del-Rei, ora do Erário do reino, mais deste que daquelas, e que dom Joaquim de Azevedo, Barão do Rio-Seco, responsável pela gestão das finanças da Casa de Bragança, muito propriamente administra com as técnicas contábeis concebidas pelos da terra, conhecidas como *tesouro um e tesouro dois* sendo este o da real pessoa de Dom João, e de cujos livros e prestações de contas não é dado conhecimento ao público, sabido é que dos reis não é permitido desconfiar, muito menos fiscalizar (...).

Por consequência dessas engenhosas maquinações com as receitas do Estado, a articular e conjuminar interesses públicos com privados, financiando-se ambos reciprocamente, de acordo com as conveniências do Reino e, quando possível, com as superiores necessidades da coletividade, é que os brasileiros vão dar provas futuras ao mundo dos seus elevados cabedais, e irresistível vocação para o uso miscível dos dinheiros públicos com os privados, do emprego combinatório dos capitais alheios com os próprios, e de uma inusitada e nunca dantes pensada fusão das ciências químicas com as econômicas (...).<sup>12</sup>

A figuração dos personagens históricos chega em alguns momentos a assumir tal parcialidade que, no caso do foco narrativo relativo à família real portuguesa, levam ao caricato:

El-Rei e a família real chegaram à praça do Curro, que já está a arrebeitar pelas costuras de tanta gente, pelas quatro horas da tarde, tendo sido saudados com intensíssimos aplausos e uníssonos vivórios, ao som de estridentes sons de trombetas, atabales e charamelas, tangidos por timbaleiros e menestréis, e do espocar de fogos volantes, girândolas e busca-pés, que provocaram as delícias da assistência. Indisposto com o almoço (rojões de porco com repolho, ao molho de sarrabulho), emalado à pressa, el-Rei, aproveitando a barulheira que fazem os menestréis e timbaleiros, enquanto saúda os súditos, de pé, debruçado sobre o parapeito do camarote real, está a expelir flatos rijos e sonoras ventosidades anais, de barulhos surdos e prolongados, que felizmente é impossível ouvir, posto inevitável serem sentidos, haja vista que a sereníssima Rainha D. Carlota Joaquina, sentada às suas costas, já está a entupir as ventas com alentadas porções de rapé e a fazer caras de podres para o monarca, o qual, a cada levantar de braço para acenar aos vassalos, ejeta incontidos e sucessivos petardos intestinais, cujos putrefactos e nauseabundos olores já se fazem sentir por todo o palanque real, abundante de majestades e realezas, todos a entreolharem-se com caras de nojo, sorrisos amarelos, assim ficando por boa quadra, até que, graça divina, se entendeu por oportuno responsabilizar, mediante tácito acordo e unânime conveniência, o autor daquelas sulfuradas fedanças, convergindo todos os olhares de indignação e raspança para o pobre do Dom Miguel, ‘o valdevinos’, que foi de imediato convidado a retirar-se do palanque pelo irado irmão Dom Pedro, haja vista que a Princesa Leopoldina, aos badagaios, já não se agüentava em pé com aqueles cheiros pestilenciais.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup>TAPIOCA, p. 183-4

<sup>13</sup> TAPIOCA, p. 355-6

Essa é a tônica do romance. Entretanto, o mesmo não ocorre em relação aos oficiais militares presentes na Guerra do Paraguai, aos militares envolvidos com o golpe militar republicano e com a figura de Dom Pedro II. Há aqui um certo distanciamento, um tom mais respeitoso, de preservação da imagem, exemplificado no trecho abaixo:

O major Sólon Sampaio Ribeiro, à frente de um piquete de cavalaria, em grande uniforme, dirigiu-se à pressa ao Paço da Cidade, para entregar ao Senhor Dom Pedro II a mensagem do Governo Provisório da República, na qual era determinada a deposição e o banimento do país do Imperador e da família imperial, no prazo de vinte e quatro horas. Passava das duas e meia da tarde do dia seguinte ao da Proclamação da República, quando a família imperial, reunida no Salão das Damas, ouviu o estrépito dos cascos das cavalgaduras contra as pedras da entrada do palácio. O major Sólon, em uniforme de gala, sobraçando o barrete frígio, subiu as escadas da entrada do Paço e pediu que o anunciassem ao Imperador.

– A quem devo anunciar? – Indagou o mordomo-mor.

– Major Frederico Sólon Sampaio Ribeiro, comandante interino do Segundo Regimento de Cavalaria. Trago mensagem urgente do Governo Provisório da República para o Senhor Dom Pedro II.

Anunciada a presença do major, foi ele introduzido à sala onde estava reunidos o Imperador, sentado em uma cadeira, e, atrás dele, a família imperial e poucos nobres da intimidade da família, entre eles o Barão de Loreto, todo de pé.

– Venho da parte do Governo Provisório da República entregar respeitosamente a Vossa Excelência esta mensagem – disse o major, e a estendeu ao soberano.

Dom Pedro II ficou imóvel, não esboçou nenhum gesto.

– Venho da parte do Governo Provisório da República entregar respeitosamente a Vossa Alteza esta mensagem – repetiu o major, mudando o tratamento ao Imperador.

Dom Pedro II permaneceu sem esboçar reação.

– Venho da parte do Governo Provisório da República entregar respeitosamente a Vossa Majestade Imperial esta mensagem – disse acertando, finalmente, o tratamento protocolar ao Imperador.

Dom Pedro II estendeu a mão e pegou a mensagem, sem abri-la.

– Não tem Vossa Majestade uma resposta a dar? – indagou o major.

– Por ora, não – respondeu o Imperador.

– Então, posso retirar-me?

– Sim.<sup>14</sup>

Nessa e em outras passagens, a composição do personagem histórico se aproximaria do modelo de Lukács, mas sem que isso prejudique o resultado final. Pelo contrário, esse procedimento explicita o jogo entre as permanências e as rupturas do gênero em relação ao modelo clássico.

Buscou-se nesse texto apontar algumas permanências e rupturas da obra *A República dos Bugres* em relação ao modelo clássico de romance histórico teorizado por George Lukács. Pode-se perceber pelo apontado que, apesar de a obra em análise ser representativa do que denomina-se ficção histórica contemporânea, apresentando inúmeros

<sup>14</sup> TAPIOCA, p. 524-5.

aspectos que podem ser mais bem aprofundados em outros estudos, não deixa de trazer alguns elementos presentes na história literária do gênero desde o século XIX.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDINI, M. da Glória (Org.). **Lukács e a literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de Intervenção**, São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- COUTINHO, N. Carlos & KONDER, Leandro. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LUKÁCS, Georg. **La novela histórica**. México: Ediciones Era, 1996.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. Evolucion y alcances del concepto de novela histórica. In: **Historia y ficción en la novela venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 1991, p.15-54.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- TAPIOCA, Ruy. **A República dos Bugres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A República dos Bugres: a Atenas da América ou uma Botocúndia?**. S.n.t. mimeo.
- WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. **Letras**. Curitiba, n. 43, p. 49-59, 1994. Editora da UFPR.